

O Momento da Fundação#

Eduardo M. A. Peixoto
Instituto de Química, Universidade de São Paulo

Contar a história da Sociedade Brasileira de Química certamente não é uma tarefa das mais fáceis, especialmente por ser ela ainda muito recente.

Como em todo processo de criação, aqui também houve um período de gestação e este período começou ironicamente numa época na qual o direito de criar sempre não era compreendido no Brasil: era a década de setenta...

Em 1969 (eu) chegava ao Brasil depois de um longo período no exterior, que durante cinco anos absorveu-me inteiramente em atividades científicas; a juventude e o idealismo foram necessários para equilibrar os efeitos da perplexidade que em mim surgiu de imediato. Na USP, para onde vim, ofereceram-me uma grande sala num bloco vazio; a sala era ao mesmo tempo um depósito de móveis... essa companhia não me perturbava, mas tornou-se para mim um convite à meditação. Durante muito tempo não tive companhia, até o dia que a SBPC parecia procurar uma sede, mudando-se do atual Instituto de Bio-Ciências da USP com a sua Secretária. Parecia não haver para onde ir nem onde se abrigar uma Sociedade que aos meus olhos teria um papel a cumprir... ofereci então 2/3 da minha sala. Assim, passei a conviver com a SBPC e a perceber as dificuldades pelas quais uma Sociedade científica não deveria passar. Sem pertencer a sua diretoria, tentei colaborar com alguns abnegados professores que a ela dedicavam um carinho todo especial; introduzimos a SBPC na era da informática, agilizando o seu sistema de endereçamento para o envio da sua revista e para outras correspondências. Aos poucos comecei a participar mais da SBPC, até ter chegado o momento de participar de sua Comissão Executiva, comissão esta encarregada de organizar as Reuniões Anuais da SBPC.

Já em 1969 tive a oportunidade de perceber que naquela Reunião Anual, realizada em Porto Alegre, se reuníssemos todos os trabalhos de química, se aceitássemos todos, mesmo assim teríamos no máximo cerca de quinze trabalhos que seriam apresentados. Para mim, ter tomado consciência do que aquilo significava para o País somente serviu para aumentar a convicção de que algo deveria ser feito. Alguma peça faltava naquilo que para mim parecia ser um quebra-cabeça. Agregar... esta parecia ser a solução.

Muitas pessoas, leigas e colegas, participaram de longas conversas que estenderam-se pelos longos corredores do Instituto de Química da USP. Finalmente, após muitas tentativas infrutíferas lembrei-me do fenômeno de cristalização e veio-me a pergunta: quando uma molécula vira cristal?

Armi Nóbrega havia chegado dos EE.UU. da América do Norte e começava os seus trabalhos no Instituto Tecnológico da Aeronáutica – ITA em S. José dos Campos, em S. Paulo. Tomei o carro e fui para lá. Trocamos muitas idéias. Estranhamente, parecia-nos que a juventude era um impedimento para certas tarefas do ser humano; apesar de todas as evidências nós jamais quisemos acreditar desta forma e resolvemos entrar em contato com outras pessoas que conhecíamos e que talvez simpatizassem com a idéia de ser fundada uma sociedade; mas, uma Sociedade Brasileira de Química que servisse de catalisador para o crescimento da comunidade de químicos que se dedicavam à pesquisa científica e ao ensino da química no Brasil. Uma Sociedade que pudesse crescer e ser forte, porque forte seria a ciência praticada por seus sócios. Esta era a nossa visão daquilo que de imediato se poderia fazer e deveria ser feito pelos nossos futuros colegas e pelo nosso País.

Escrevi a Ricardo Ferreira. Ele também tinha chegado recentemente dos EE.UU. da América do Norte. Na carta a ele enviada nós mostrávamos as nossas razões do por que de uma nova Sociedade. A Sociedade chamar-se-ia como hoje o é; Ferreira mostrou-se simpático e cauteloso na sua resposta. Era a primeira pessoa com mais que trinta anos que assim procedia ao ouvir a idéia e sendo assim concluímos que ele endossava inteiramente, como de fato o fez, a idéia de fundarmos uma sociedade: a cautela, entendemos como sendo talvez uma premonição das dificuldades que viriam.

Foi o bastante. Parecia que agora já éramos um cristal. E esta sensação eu passei realmente a ter com a vinda de Roberto Ribeiro da Silva, de Brasília para o Instituto de Química da USP; com ele trocamos muitas idéias... três longos anos haviam-se passado quando tomamos a decisão de convocar uma discussão sobre o tema na SBPC, aproveitando a oportunidade das suas Reuniões Anuais. Por várias vezes reunimo-nos sobre a égide da SBPC.

Logo na primeira reunião percebemos que o tema despertava o interesse e o entusiasmo de muitas pessoas. Havia porém um dilema: já havia no País a ABQ - Associação Brasileira de Química. Esta associação havia sido muito dinâmica no passado. Ela havia sido o produto da fusão de outras sociedades, entre as quais a que congregava os engenheiros químicos, que anos mais tarde desligar-se-iam da ABQ para formar a ABEQ – Associação Brasileira de Engenharia Química. Lentamente a ABQ afastava-se das atividades mais científicas e à medida que o tempo passava as suas Regionais entravam em conflito com a sua direção geral. Neste quadro víamos desassistidos em seus interesses aqueles muitos que foram surgindo visando única e exclusivamente o desenvolvimento do ensino e da pesquisa científica em química. Raros também eram, e a cada dia mais, os trabalhos científicos em química ou reuniões com tais finalidades. Havia um anseio por algo mais dinâmico.

Nos encontros realizados nas Reuniões Anuais da SBPC, procurou-se em vão uma forma de reerguer ou ativar a ABQ visando os anseios da comunidade científica. Finalmente na Reunião Anual da SBPC em 1976, criou-se uma comissão de pesquisadores que seria incumbida de consultar o maior número possível de químicos no Brasil, especialmente aqueles que se dedicavam à pesquisa. A pergunta seria: Você acha que devemos criar uma nova sociedade de química?

Cerca de quatrocentos químicos em todo o País foram consultados e todos que responderam disseram “sim”.

A resposta de tal enquête nacional seria apresentada por ocasião da próxima Reunião da SBPC, que estava programada para ser realizada em Fortaleza, em julho de 1977. No entanto, coube ao Governo Federal da época, roubar de Fortaleza a primazia de sediar essa reunião, que por esta mesma razão tornar-se-ia uma reunião histórica... uniam-se de novo os destinos destas duas Sociedades: SBPC e SBQ.

Em julho de 1977 a Reunião Anual da SBPC, proibida de ser realizada no Ceará, foi transferida para S. Paulo nos últimos instantes. Assim, num clima tenso e cheio de apreensões, a SBPC viu-se destinada a reunir-se em São Paulo, onde aconteceu a maior reunião da sua história com o apoio maciço de toda a comunidade desta cidade. Uma reunião tensa, sob repressões de toda sorte, encontrou no entanto a Pontifícia Universidade Católica – PUC e a comunidade local como terreno fértil e ingredientes propícios para a realização

da Reunião Anual da SBPC: nesse clima, sessenta pesquisadores, que lá compareceram representando também o desejo e o direito de outros que as circunstâncias impediram, criaram, por unanimidade, a Sociedade Brasileira de Química e elegeram uma Diretoria Constituinte, com um mandato de um ano, a fim de implementar a Sociedade e redigir o seu Estatuto, que deveria ser submetido a aprovação dos seus sócios.

Dessa Constituinte, Simão Mathias era o Presidente; Eduardo Motta Alves Peixoto seu Secretário Geral e Etelvino Bechara o seu Tesoureiro.

Tudo foi cumprido como decidido. O Secretário Geral redigiu o Estatuto e o mesmo foi submetido a aprovação de todos os sócios, cuja grande maioria o aprovou. Após um ano, a Diretoria Constituinte convocou eleição de acordo com o Estatuto que até hoje vigora. Desde então, a cada período de dois anos uma nova Diretoria e um novo Conselho Consultivo são eleitos, garantindo os desígnios da SBQ.

O punhado de pessoas que assinaram a ATA de FUNDAÇÃO da SBQ a 8/7/77 no verso do cartaz de Galileo Galilei certamente guardam com carinho e com orgulho a lembrança daquele tumultuado momento, o momento da Fundação.